



APRESENTAÇÃO / PRESENTATION

Vivemos hoje num contexto caracterizado, entre outras coisas, pela pluralidade de antropologias. Essa diversidade de antropologias, por vezes, manifesta-se em posições contrastantes. Ousaríamos dizer que, em nossos dias, o próprio conceito de humano encontra-se em discussão. Os três primeiros artigos que compõem o dossiê constituem uma revisitação de temas da multissecular tradição cristã com vistas à nossa participação nesse diálogo complexo e, ao mesmo tempo, fecundo. Existe, na verdade, uma cumplicidade entre divino e humano que perpassa a inteira tradição cristã e que no Mistério da Encarnação atinge expressão plena e cabal.

No primeiro artigo, **Massimo Pampaloni** apresenta-nos o pensamento de Bernard Lonergan acerca do desejo natural de ver a Deus. A visão beatífica tem se revelado, ao longo dos séculos, uma das metáforas mais recorrentes da experiência de plenitude humana. As discussões surgidas em meados do século passado em torno dessa questão suscitaram vivo interesse pelas distintas posições assumidas por K. Rahner e H. de Lubac. Pampaloni propõe-nos, aqui, a sugestiva proposta de Bernard Lonergan, chamando a atenção para a originalidade de seu pensamento. **J.B. Lecuit** expõe-nos o fruto de uma pesquisa que vem conduzindo há anos. Ele sustenta que a inabitação trinitária é condição de possibilidade da realização plena da pessoa humana. Deus se autocomunica à pessoa humana a fim de que ela se descubra habitada interiormente pelo Espírito Santo e se reconheça, portanto, convidada a participar plenamente da vida da Trindade Santa. Essa relacionalidade constitutiva sustenta a complexidade das relações que configuram a experiência humana como tal. **Maria Clara L. Bingemer** propõe uma leitura da Eucaristia a partir da perspectiva do corpo feminino, salientando a existência de estreita afinidade simbólica entre ambos. Ela analisa três exemplos dessa afinidade: as mães da Plaza de Mayo na Argentina, uma mãe pobre no nordeste do Brasil e o itinerário existencial de Simone Weil. A autora conclui sublinhando a rica contribuição que o corpo feminino pode oferecer à compreensão da Eucaristia em âmbito não apenas teológico, mas também político.

Na sequência, oferecemos dois artigos de caráter bíblico. O primeiro deles propõe questões de hermenêutica bíblica, consideradas na perspectiva da “estética da recepção”. Se toda leitura é, de alguma maneira, construção de sentido, como evitar que o leitor submeto o texto bíblico ao próprio interesse ou necessidade? Como evitar o historicismo e o fundamentalismo na leitura dos textos bíblicos? Como possibilitar que o texto apresente sua alteridade e diga, ele mesmo, alguma coisa? Para ajudar-nos na resposta a estas questões, **Geraldo Cantarela** apresenta a “estética da recepção”, a partir de seus dois principais representantes: Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. **Paulo Jackson Nóbrega de Sousa** brinda-nos com um estudo acurado sobre o sintagma “povo de Deus” na teologia paulina, a partir do texto de Rm 9,24-29. Com sua pesquisa, o autor destaca que a categoria “povo de Deus” constitui temática importante no cenário da compreensão paulina de Igreja. Sua peculiaridade consiste em permitir o diálogo com dois temas tipicamente paulinos: a filiação divina e o chamado. Distanciando-se, portanto, de uma eclesiologia de substituição, Paulo compreende a Igreja como “comunidade inclusiva” de gentios e de judeus, uma vez que ambos se alimentam da mesma seiva e da mesma raiz.

Por último, **Victor Codina** propõe-nos instigantes reflexões sobre a eclesiologia do Vaticano II. Ele recorda, em primeiro lugar, que para compreender a eclesiologia do Vaticano II é imprescindível conhecer a vida, o estilo pastoral e o carisma de João XXIII. Foi ele, na verdade, que convocou o Concílio e abriu o caminho em direção a uma nova configuração eclesial. O autor salienta ainda que o Vaticano II representou a transição de uma Igreja clerical para uma Igreja Povo de Deus, povo de batizados, Mistério de comunhão. Ao final, ele conclui que a recepção do Vaticano supõe uma conversão pastoral: recuperar o Evangelho e acolher os novos sinais dos tempos deixando-se conduzir pelo Espírito que inspirou João XXIII.

Que os textos aqui publicados propiciem maior lucidez no resgate dos valores permanentes de nossa mais genuína tradição e nos predisponham à inserção responsável no amplo e complexo debate em torno das questões que nos são postas atualmente.

O Editor adjunto